

VIDA, SAÚDE, DOENÇA E CURA: ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE HAHNEMANN E NIETZSCHE

LIFE, HEALTH , ILLNESS AND HEALING: MATCHES AND MISMATCHES BETWEEN HAHNEMANN AND NIETZSCHE

DENISE SCOFANO DINIZ¹

A fragilidade da vida humana e a fragilidade da vida social e coletiva são os objetos históricos da medicina e das ciências sociais, respectivamente.

Claudine Herzlich

Hahnemann, médico sistematizador da racionalidade médica homeopática, e Nietzsche, filólogo, filósofo e “um dos pensadores mais provocativos da filosofia moderna” (GIACÓIA JR, 2009), nasceram na Alemanha, entre a segunda metade do século XVIII e o século XIX, no contexto histórico da criação de uma nação alemã unificada¹ e do processo de produção de identidade nacional, no qual a atividade científica estava íntima e diretamente ligada. A via preferencial da construção desta identidade nacional estava aliada aos interesses dos pesquisadores da natureza: Romantismo e *Naturphilosophie*, onde, no final do século XVIII, espírito e natureza ainda eram parte de um único e mesmo processo, correspondendo a um monismo, no qual a matéria e *Geist* (mente ou espírito) eram aspectos de uma mesma realidade básica¹⁽³⁵⁾. Época em que as questões de caráter filosófico sobre a natureza da vida eram debatidas intensa e calorosamente e ainda não haviam se separado radicalmente da investigação das relações entre processos orgânicos e inorgânicos.

Ambos lançaram olhares sobre a trajetória de vida do homem em seu processo de saúde, doença e cura, enfatizando a totalidade singular corpo-mente-meio. Em seus estudos, buscaram analisar historicamente o mundo ocidental desde a Antiguidade, o que lhes permitiu traçar avaliações críticas sobre os médicos e filósofos, desde os gregos antigos aos seus contemporâneos dos séculos XVIII e XIX. Desenvolveram abordagens diagnósticas e propuseram terapêuticas pautadas em inovadoras bases filosóficas, tematizando questões recorrentes na sociedade e medicina ocidentais, como a compreensão “holística” desse processo e a insatisfação com sua abordagem terapêutica.

Os dois pensadores desenvolveram uma forma de refletir a vida e seus processos através de linguagem que privilegia o jogo de forças em luta na natureza. E expressaram, através de suas obras, a força de seus vitalismos, que se atualizam nas questões sobre a vida e a saúde do ser humano, que sempre ressurgem. Vitalismo entendido como uma forma de pensar o fenômeno vital, que é:

Uma característica do ser vivo, expressando-se através de suas propriedades materiais que, fracionadas, não poderiam explicar satisfatoriamente nem como o conjunto mantém sua integridade, nem como esta é abalada a ponto de determinar a falência do ser²⁽⁴⁹⁾.

Embora Nietzsche considere que “não há diferença entre o vivo e o não-vivo”³ (§109), diversos comentaristas consideram Nietzsche como um vitalista, ou sua filosofia como um vitalismo, no sentido de que, seja o animado seja o inanimado, a vida é o critério

Descritores:

Hahnemann, Nietzsche, vida, processo saúde-doença-cura.

¹ Pós-doutorado em Saúde Pública pela ENSP-Fiocruz (2017 a 2019), formada em Medicina (UFRJ/1986), com Mestrado (2006) e Doutorado em Saúde Coletiva (2010) (IMS/UERJ) e Mestrado em Educação (2001, FAFIJAN/PR). Conselheira Técnica-Científica do Instituto Unimed-Rio. Especialização médica em Pediatria, Homeopatia e Acupuntura. e-mail: ddscofano@gmail.com

de todos os critérios, é ela que julga, enfim, para Nietzsche vida é vontade de potência, e vontade de potência é o princípio que move todas as coisas. No sentido nietzscheano, portanto, o vitalismo seria um panvitalismo, uma concepção da vida como englobando o ciclo de vida e morte biológico, como expressando assim a própria criação inesgotável da natureza e do devir.

O vitalismo de Hahnemann evidencia-se no desenvolvimento de uma medicina que analisa e trata os seres vivos a partir do entendimento de que há uma *dynamis* presente e que a tudo permeia, a qual está atrelada em “uma organização tão maravilhosa” aos constituintes do indivíduo vivo. Tal força atua de forma a anular as tendências “das partes componentes do corpo, de obedecerem às leis da gravitação, do movimento, da *vis inertiae*, da fermentação, da putrefação”⁴⁽⁴⁶⁹⁾. É um vitalismo que reconhece a singularidade do fenômeno vital, sem, contudo, deixar de observar as ações das substâncias medicamentosas oriundas dos três reinos – animal, vegetal e mineral –, quando acentua o fato de as mesmas não serem “massas mortas no sentido comum do termo”, posto que possuem uma natureza essencial que “é força pura, a qual pode ser aumentada em potência”, quase até um grau infinito através do preparo do medicamento homeopático⁴⁽⁶⁹⁸⁻⁶⁹⁹⁾.

Seus pensamentos foram analisados neste artigo, onde procuramos desenvolver um entre tantos reencontros possíveis entre filosofia e medicina. Ao propormos uma visita ao pensamento de Hahnemann e Nietzsche, objetivamos responder se há semelhança entre seus vitalismos e se a busca da “grande saúde” poderia ampliar a meta do tratamento homeopático. Tais reflexões tornam-se cada vez mais relevantes ao considerarmos o fato de a vida contemplar as diferentes condições de saúde dos indivíduos, além dos sentidos e significados que os mesmos, seus familiares e a comunidade em que vivem atribuem. O que, como frisa Herzlich⁵, remete os agentes envolvidos a considerar o corpo como origem e expressão da vida, suas potências e fragilidades.

HAHNEMANN E A HOMEOPATIA

Samuel Hahnemann (1755-1840) formou-se em medicina em 1779, mas por se desiludir com a prática médica de sua época, abandonou seu exercício em 1787. Para se sustentar, fazia traduções de obras que versavam principalmente sobre temas de química e de medicina. Ao traduzir o *Tratado de Matéria Médica*, de Cullen, em 1790, Hahnemann não se satisfaz com a explicação dos efeitos descritos sobre a quina e realiza a experimentação em si mesmo, sendo esta a primeira vez em que o princípio hipocrático da semelhança estava sendo testado como hipótese. Em 1796, o médico alemão publica *Ensaio sobre um novo princípio*, considerado o marco inicial do sistema mé-

dico homeopático. Nele, deriva da experimentação a lei da semelhança, na qual toda substância medicinal potente produz no corpo humano são uma espécie de doença peculiar semelhante a que é capaz de curar no indivíduo enfermo⁴⁽²⁵¹⁾.

Além dos princípios da semelhança e da experimentação no homem são, dois outros formam os pilares da homeopatia: o princípio do medicamento único – administração de um remédio por vez ao paciente – e o princípio da utilização de doses infinitesimais. Importante acrescentar, em relação a este último princípio citado, que Hahnemann verificou o fato de as substâncias, ao passarem pelos processos de diluição e dinamização – manipulação do frasco com a diluição que deveria se “chocar” contra uma superfície inelástica – despertavam a sua *dynamis* (potência)². A teoria e prática homeopáticas foram publicadas na obra *Organon da Arte de Curar*⁶, onde frisa ser a totalidade dos sintomas apresentados no paciente “o principal (quadro) ou o único através do qual a doença dá a conhecer o meio de cura de que ela necessita” (§7) e conduz à escolha do medicamento mais apropriado. A doença, portanto, não é uma entidade, mas é o próprio sujeito enfermo e faz parte da história de vida do sujeito, sendo por isso, impossível de ser mensurada apenas a partir da tecnologia.

A saúde, para Hahnemann, é uma qualidade exclusiva dos seres vivos e definida segundo o estado de equilíbrio da força vital que mantém o indivíduo em harmonia e, a doença, o seu desequilíbrio, o qual se manifesta inteiramente através dos sintomas. A cura – finalidade única da medicina e seu mais alto ideal – será obtida através do “restabelecimento rápido, suave e duradouro da saúde ou a remoção e destruição integral da doença pelo caminho mais curto, mais seguro e menos prejudicial, segundo fundamentos nitidamente compreensíveis” (§1 e §2)⁶, de forma a eliminar todas as manifestações que indicam alterações nas sensações e funções do indivíduo enfermo. Dessa forma, a reconquista do estado de saúde, quando o “espírito dotado de razão” poderá “atingir aos elevados fins de sua existência”⁶ (§9).

Apesar de Hahnemann não haver sistematizado a homeopatia com a finalidade de ser um modelo explicativo das doenças e suas causas, caminhou posteriormente nesta direção pelo fato de não se contentar com a cura que representasse somente o desaparecimento de sintomas de uma doença, por mais deixasse o paciente satisfeito, sem dores ou sintomas incômodos e podendo retornar às suas ocupações. Através do acompanhamento dos pacientes ao longo de suas vidas, constatou a evolução do processo patológico, comprometendo o que significava a meta de liberdade. Desenvolve, então, a teoria miasmática sobre o processo de adoecimento, através da qual analisa a origem histórica, filogenética e ontogenética das doenças nos seres humanos, onde se pode ver expressa a “polaridade dinâmica” da vida, apontada por Canguilhem⁷.

NIETZSCHE E SUA OBRA

A vida e a obra de Friedrich Nietzsche (1844-1900) revelam-se profundamente interligadas e marcadas pelo ritmo dos seus processos de saúde-doença-convalescença-cura: em suas palavras, foi um filósofo “que percorreu muitas saúdes”⁸ (*Prólogo*, §3). Realçava a vida, onde a criatividade, a expansão e a potência seriam seus fios condutores.

Nietzsche, desde a década de 1860, sofria com problemas de saúde, atormentado com crises de enxaqueca que o deixavam prostrado e as dores de estômago com muitos vômitos. Em 1873, as crises de cefaleia se intensificaram e, associadas aos problemas de visão, fica proibido de ler e escrever por ordem médica. Com a visão péssima, necessitava ditar seus ensaios e, ao mesmo tempo, procurava se dedicar aos estudos de fisiologia, medicina e ciências da natureza. Refletiu que o adoecimento veio em sua ajuda, libertando-o “lentamente”, dando-lhe direito a uma completa inversão de hábitos: “ordenou-o a esquecer”; “presenteou-o com o ócio”, com a obrigação à quietude, ao esperar e ser paciente, “que significa pensar”. A “diminuição” deu fim à “bibliofagia” e à filologia, permitindo que pudesse ouvir “o Eu mais ao fundo, que estava quase emudecido sob constante imposição de ouvir outros Eus”: “o retorno a mim foi uma suprema espécie de cura”⁸ (*Humano Demasiado Humano*, §4). Por isso, afirma que a expressão espírito livre neste livro seria onde mais quer ser entendida: “um espírito *tornado livre*, que de si mesmo de novo tomou posse” (§1).

O estado de saúde de Nietzsche, em 1879, deteriorou-se ainda mais, tendo descrito em *Por que sou tão sábio*⁸ (§1), como o ano mais baixo de sua vitalidade; em suas próprias palavras: “não enxergava ‘três passos adiante’”. Abandona sua cátedra na Universidade, passa a receber uma pensão anual, deixa a Basileia e viaja pela Europa nos seus próximos dez anos como um “filósofo errante”. Em suas palavras, viveu, do verão ao inverno, “como uma sombra”: “Esse foi meu nader: *O andarilho e sua sombra* nasceu durante ele. Indubitavelmente, eu entendia de sombras então...”⁸ (§1).

Seu livro seguinte, *Aurora*, publicado em 1881, teve muitos dos seus aforismos ditados a Peter Gast, seu amigo e secretário. Nietzsche⁸ escreve que produziu este livro, com o qual inicia “a campanha contra a *moral*”, em meio ao maior martírio pelas crises de cefaleia, mas experimentava ao mesmo tempo a “perfeita luz e alegria”, com “clareza de dialético”, pensando “inteiramente com sangue frio, coisas para as quais em condições mais sãs não sou ousado, refinado e *frio* o bastante”. Sentia “que a cada aumento da força vital”, a sua força de visão também crescia (*Por que sou tão sábio*, §1).

Em 1882, escreve *Gaia Ciência*³, onde fala de um novo homem, uma nova saúde, um pressuposto fisiológico, denominado a “Grande Saúde”:

Mais forte, alerta, alegre, firme, audaz que todas as saúdes até agora [...] uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar (V, §382).

Em *Crepúsculo dos Ídolos*⁹, escrito em 1888, afirma que “os espíritos crescem e a virtude floresce, à medida que é ferida”, e que “a força curadora está no próprio ferimento” (CI, *Prefácio*). Ainda nesse ano, escreve *Ecce Homo*⁸, último livro antes de sofrer completamente a perda da razão, publicado somente em 1908.

O SER HUMANO E SEU PROCESSO DE SAÚDE, ADOECIMENTO E CURA

Ambos identificaram na doença os mesmos sintomas que aprisionam os seres humanos: a culpa, o ressentimento, as angústias, a inquietude, seja denominando de *Psora* ou de *niilismo*. Sinalizaram a existência de uma susceptibilidade doentia que, de acordo com Hahnemann, leva à predisposição ao adoecimento de acordo com as características individuais⁶ (§73, §80, §81). Nietzsche complementa a análise da gênese das doenças ao destacar que a susceptibilidade e os afetos nos devoram rapidamente, “principalmente o ressentimento, o revolver venenos de todo o tipo, o desejo de vingança”. Eles produzem “rápido consumo de energia nervosa, um aumento doentio de secreções prejudiciais, de bilis no estômago, por exemplo”. Por isto considera que Buda seria um grande fisiólogo – não reagir absolutamente, diminuir o metabolismo, hibernar: sua religião seria designada mais corretamente se chamada de “higiene”. Libertar a alma do ressentimento seria o primeiro passo para a convalescença. E nisso não vê um conceito moral, do “tu deves”, pois “assim não fala a moral, mas sim a fisiologia”⁸ (*Por que sou tão sábio*, §6).

Conforme assinala Deleuze¹⁰, no “reino do niilismo” há um descontentamento, uma angústia desconhecida, uma inquietude de viver – um obscuro sentido de culpabilidade. Vemos, nessas descrições, as etapas da dinâmica miasmática, além da presença do “contágio”. Aproximando ainda mais um pouco, o miasma *Psora*, que corresponde à susceptibilidade básica do ser humano aos padecimentos mórbidos, caracterizado por Hahnemann¹¹⁽⁷²⁾ como um comichão que leva o indivíduo a coçar e se esfregar voluptuosamente, gerando lesões úmidas, as quais propiciam o contágio e levam à um estado de inquietude, irritabilidade e ansiedade, estaria bem descrito na crítica que Nietzsche³ (IV, §305) faz às morais que orientam a renunciar, a cultivar as virtudes negativas da negação e privação de si. Para ele, esse agir acarreta uma doença peculiar: “uma constante irritabilidade para todas as emoções e inclinações naturais e uma espécie de comichão”.

Na teoria miasmática, com a progressão da trajetória de desequilíbrios, reatividades e rearranjos de forças/energias, o indivíduo fica desconfiado de si, de seus instintos e dos outros, em permanente atitude de defesa e projeção contra o meio das causas de seu sofrimento. Ocorrem perversões das funções, as quais correspondem ao miasma *Sícoze*, com sintomas reativos, tais como alterações secretivas, as quais podem levar aos derrames e edemas, e reações de hipertrofias, como as tumorações benignas. Psiquicamente, surgem a desconfiança, os medos, o egoísmo, a agressividade defensiva; por sentir-se perseguido e não-compreendido, acumulará bens, dinheiro para sentir-se seguro. Caso a reação seja de “autodestruição pelo não-enfrentamento do meio ou a destruição do próprio meio”¹²⁽³⁴⁾, surgem os sintomas do miasma *Sífilis*, como o ódio a esse meio e, fisicamente, as destruições teciduais e consequentes cicatrizes/sequelas.

Enfim, o médico alemão constata um diagnóstico de forças reativas agindo, diminuindo a vitalidade, de forma progressiva e limitadora da normatividade individual e, consequentemente, coletiva. O que Nietzsche destaca várias vezes, também poderia ter sido escrito por Hahnemann: “a grave consequência gerada pelas forças que não são exteriorizadas, que não têm vazão”, é sua “interiorização”³ (V, §360), voltando-se para dentro do homem, repercutindo das mais diversas formas em sua organização vital. Levam aos sentimentos de ansiedade, angústia e desespero, a um grande sofrimento e adoecimento, enquanto “um enorme *quantum* de liberdade” deixa de ficar no “campo da visão”, ficando represada, como “um barril de pólvora”³ (V, §360).

Através dos estudos do historiador das ciências e médico Canguilhem⁷, seria possível interpretar a dinâmica miasmática ou a trajetória do niilismo como processos de redução ou ampliação da normatividade vital. A progressão dos estados de doença corresponderia à redução da normatividade, o que implica na diminuição da possibilidade de fazer escolhas, de romper normas e criar outras. O indivíduo pode até ter sucesso em suas atividades, mas se torna, nos dizeres de Nietzsche³⁽²⁰⁷⁾, “insuportável para si e para os outros”, “empobrecido e afastado das mais belas casualidades da alma”, não aberto ao novo, não disposto a aprender algo novo, pois não quer correr o risco de perder-se, de errar. Dessa forma, seria um caminho em direção à fixidez, ao enrijecimento, ao equilíbrio que visa ao estático e, consequentemente, à degeneração e à morte.

Em tal leitura da vida e do mundo – a compreensão vitalista – pode ser sinalizado outro ponto de contato entre os dois pensadores: as observações e recomendações sobre a dieta, o clima, os lugares, os hábitos, evidenciando a importância da singularidade e do “cuidado de si” como fonte da busca e promoção da saúde. Para Hahnemann, no que concordaria Nietzsche, “cada pessoa deve fixar seu próprio pata-

mar de acordo com seu sistema corporal peculiar. Um pode suportar mais que o outro”, tendo em vista que a individualidade é da pessoa, que é mais ou menos excitável, e da substância; depende da hora, do dia, do lugar⁴⁽³⁷⁸⁾.

Ambos referem como fundamental, o hábito de caminhar. Hahnemann destaca ser “indispensável que o corpo seja reanimado e fortalecido com caminhadas diárias ao ar livre, por entretenimentos de natureza inofensiva, e com alimentação apropriada”⁴⁽³⁸³⁾. Nietzsche fala da importância de não ter hábitos sedentários, recomendando não ficar muito sentado a fim de “não dar crença aos pensamentos não nascidos ao ar livre”, posto que a vida sedentária é “o verdadeiro pecado contra o espírito santo”⁸ (*Por que sou tão inteligente*, §3).

Nietzsche e Hahnemann, por conseguinte, poderiam “dialogar” nesse tema, onde ressaltariam as várias saúdes no mesmo indivíduo e as diferentes saúdes entre as pessoas, concordando com o fato da existência de um dinamismo vital, onde há forças diferentes. Para o médico alemão, se estamos sadios, “o instinto que foi implantado” nos adverte para recusar os estimulantes ou sedativos, como café, chás, vinho, tabaco, no que concordaria o filósofo, exceto provavelmente com o termo “implantado”. Nietzsche argumentaria que, pelo fato de não existirem leis na natureza a serem seguidas, mas sim luta e jogo de forças, se o indivíduo, mesmo com o instinto repelindo, prossegue no consumo, é porque já está doente, sua força está enfraquecida. Hahnemann contra-argumentaria que é por existirem leis na saúde e as transgredirmos que adoecemos.

Dessa forma, apesar das recomendações semelhantes em relação à saúde, o médico alemão, ao atacar a luxúria, a glotonaria e a sensualidade depravada, o faz valorizando conceitos que o afastam de Nietzsche, como limite, moderação e leis: “o homem moderado facilmente descobre esses limites determinados pela sua organização física por meio da experiência” e, “na observância das leis ele descobre que é feliz, mais feliz que o homem imoderado consegue fazer alguma ideia”⁴⁽²¹⁶⁾. O filósofo entende que todos os impulsos buscam mais potência e assim um resiste ao outro, de uma forma dinâmica, a qual é responsável pela autorregulação do organismo. Por essa razão é que o sentido, o significado de cada vida é dado de forma única e individual, de acordo com sua dinâmica vital, onde, empregando os termos de Canguilhem⁷, a polaridade dinâmica de cada ser vivo busca por mais potência, pela expansão de sua normatividade.

PONTOS DE ENCONTRO E DESENCONTRO

Hahnemann e Nietzsche expressaram de forma criativa e profundamente reflexiva o *Zeitgeist* – espírito de um tempo, de uma época”, que determina uma forma de expressão e um universo de questões,

característicos desse período¹³ – ora em sintonia, ora opondo-se às suas épocas. Expressavam-se de forma enfática, metafórica, com tonalidade irônica muitas vezes, numa linguagem permeada de interrogações e exclamações, repetindo palavras e grifando, a fim de destacarem os conceitos e temas apresentados. Presentiam-se anunciadores de verdades até então desconhecidas e sabiam que não seriam compreendidos:

Eu sou o único, nos tempos recentes, a submeter (a medicina) a uma pesquisa séria e honesta [...] achei o caminho da verdade, mas tive que trilhá-lo sozinho⁶ (*Prefácio*, 1ª. ed).

Eu sou o primeiro a ter em mãos o metro para a “verdade” [...] E, em toda a seriedade, ninguém antes de mim conhecia o caminho reto”. [...] apenas a partir de mim há novamente esperanças, tarefas, caminhos a traçar para a cultura⁸ (*Crepúsculo dos Ídolos*, §2).

Com variada cultura e políglotas, destacavam a importância da leitura e da arte para o desenvolvimento e aprimoramento contínuos, porém por motivos diferentes. Em Hahnemann, a arte tinha a finalidade de “habilitar-se na capacidade de observar com exatidão”, ensinando “a formar uma ideia verdadeira dos objetos e a representar aquilo que observamos fiel e claramente, sem qualquer acréscimo da imaginação”⁴⁽²⁶⁰⁾.

Nietzsche, “poeta, músico e grande prosador”, tem “uma experiência prática do fenômeno artístico e se dedica a uma reflexão estética aguda que percorre todos os períodos de sua obra e vida”. Em sua “visão vitalista do fenômeno estético”, liga o que é feio ao enfraquecimento, à decadência, “ao esgotamento físico e psicológico” e o que é belo “à plenitude vital e à perfeição do ser”. Por isso vê na arte “uma função vital” e afirma que “a estética não passa, na realidade, de uma fisiologia aplicada”¹⁴⁽⁹⁸⁻⁹⁹⁾.

Ao destacarem a fragilidade dos seres humanos ante à natureza e comparativamente aos outros seres vivos, apresentaram motivos opostos, porém mobilizadores de atitudes diante da vida. Para Hahnemann, o homem é o mais indefeso, todavia pela sua sabedoria e inteligência consegue encontrar o necessário para muito mais que a sobrevivência e a cura de suas doenças. Conforme expõe no ensaio *A Medicina da Experiência*⁴⁽⁴⁴¹⁻⁴¹⁵⁾, o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus e está numa posição elevada em relação a todos os outros seres vivos; ocupa o centro da criação e está “para além” da natureza.

Nietzsche sinaliza a mesma sensação de angústia/ansiedade do homem ante à sua fragilidade: “humano, demasiado humano, assustado e despojado que todos somos”. Todavia, utiliza o argumento dessa fragilidade para expor as deficiências do homem, pois não o considera uma criatura privilegiada. O antropocentrismo representa uma vaidade, uma presunção ante às descobertas darwinianas sobre a descendência humana a partir do macaco¹⁵ (§14).

Apesar dessa importante diferença entre os dois pensadores, ambos ressaltam a singularidade do ser

humano e sua individualidade, entendidas de forma dinâmica. Onde Hahnemann a destaca, também seria sublinhado pelo filósofo alemão: a organização do ser humano é individual e se modifica com as fases e as condições de vida de cada um: “os corpos são tão variadamente organizados e apresentam diversidades tais nas várias condições de vida, que nenhum ser humano lembra exatamente outro em nenhum sentido concebível!”⁴ (*A Medicina da Experiência*, p.419).

Para Nietzsche, o que move a luta entre as forças é “o aumento de potência dos *quanta* dinâmicos de força. Quando uma força ou conjunto de forças aumenta sua potência, outras forças têm seu aumento bloqueado”¹⁶⁽⁴⁵⁶⁻⁴⁵⁷⁾. Em “tudo que ocorre, em todo movimento, todo vir-a-ser” há “fixação de relações de graus e de forças, enquanto luta”³ (V, §373). Para Hahnemann, é através do jogo de forças que existe na natureza viva que desenvolve sua teoria sobre a organização vital do ser humano e sobre a ação dos medicamentos.

Não podemos deixar de enfatizar, portanto, a interpretação e o emprego dos mesmos termos – *Lebenskraft*, *Idiosynkrasie* –, para se expressarem sobre a dinâmica de forças e sobre a singularidade/unicidade do ser humano, ressaltando a compreensão vitalista dos processos da vida dos dois pensadores. A força vital – *Lebenskraft* –, expressão utilizada por Hahnemann⁶ (a partir de sua edição, em 1833), surge nas obras de Nietzsche pelo menos cinco vezes, como por exemplo pode ser constatado¹⁷ nas seguintes citações na versão digital em alemão das *Obras Completas* de Nietzsche¹⁸, “(...) die niedrigere *Lebenskraft* oder aber die höhere und gewaltigere sich ihrer (...)” e “so dass mit jeder Zunahme an *Lebenskraft* auch die *Sehkraft* wieder zugenommen hat (...)”⁸ (*Por que sou tão sábio*, §1).

PARA UMA AMPLIAÇÃO DO IDEAL DE CURA HOMEOPÁTICO

Numa análise final e, respondendo às questões levantadas inicialmente quanto às semelhanças dos vitalismos de Hahnemann e Nietzsche, destacamos o que consideramos as correspondências fundamentais presentes nas bases de seus pensamentos quanto ao aspecto vida: a ênfase na irredutibilidade dos fenômenos dos vivos às propriedades físico-químicas; a concepção dos seres humanos como totalidades únicas e singulares nas quais há um jogo de forças atuantes, promovendo “diferentes saúdes” no mesmo indivíduo, de acordo com as variadas fases da vida; e as hierarquias existentes entre as forças, resultando em análises e possibilidades de intervenção.

Ambas as formas de olhar a vida humana convergem ao interpretá-la de modo dinâmico e na valorização de todos os aspectos físicos, mentais e emocionais, assim como levam em consideração as interações/relações com o meio em que se vive. São com-

preensões que os propiciam a tecer propostas de abordagens terapêuticas, onde enfatizam a importância de serem considerados todos estes aspectos assinalados. Exigem que o indivíduo esteja inteiramente implicado em seu processo de vida, dedicando-se ao cuidado de si. Portanto, são vitalismos que se assemelham nas análises sobre os fenômenos vitais e na ênfase do comprometimento dos sujeitos em seus processos saúde-doença-cura, onde a forma com que reagem ao que lhes afeta – afetos das mais variadas naturezas: climáticas, emocionais etc. – são importantes sinalizadores das “trilhas” que estão sendo seguidas, rumo ao caminho da doença ou da saúde.

Todavia, quando indagamos se a meta do tratamento para o homeopata poderia equivaler à “grande saúde” nietzscheana, devemos fazer considerações que ora os aproximam, ora os colocam em lados totalmente opostos, ao mesmo tempo em que direcionam a questão para uma ampliação de sentidos e significados para o “ideal de cura homeopático”. Começando pela oposição, sinalizamos que há uma importante diferença quanto ao conceito de finalidade, ligado às metas, e no entendimento de saúde enquanto moderação para Hahnemann, frontalmente oposto ao de Nietzsche, que quer sempre mais, não havendo limites para a expansão. O médico alemão, ao sistematizar a homeopatia, visou disponibilizar ao indivíduo uma terapia que proporcionasse uma saúde possibilitadora de estar e agir livremente no mundo, o que implica em responsabilidades com o próximo e consigo mesmo e onde a moderação é um parâmetro importante de observação e do processo saúde-doença.

Em Nietzsche, o compromisso é com as metas de cada indivíduo para tornar-se cada vez mais o que é, onde as características são o exagero, a abundância, a busca sempre por mais potência, mais intensidade, inclusive mais do que se necessita, podendo haver até o “desperdício”. Critica qualquer referência à metafísica e aos valores religiosos, como a compassividade, bem ao próximo, existência de outro mundo, referindo-se a eles como erros e decadência. Por isso, podemos ponderar que, apesar de terem parâmetros correspondentes para o diagnóstico de doença e de identificarem na vida fatores semelhantes que promovem ou prejudicam a saúde, possuem diferentes interpretações de “espírito livre”. Provavelmente, Nietzsche o veria como um “decadente”, um “cristão homeopático”; Hahnemann, o diagnosticaria como um indivíduo doente, em processo de franca expansão de sua trajetória miasmática inexorável.

Prosseguindo nas considerações, devemos pontuar que o sistematizador da homeopatia não explicita em sua obra o que poderíamos chamar de duas dimensões na proposta de Nietzsche sobre a “grande saúde”: a quantitativa – entendida como ampliação, expansão da vida entendida como vontade de potência ou, nos dizeres de Canguilhem, da normatividade vital – nem a qualitativa – relacionada à mudança/

tresvaloração de valores. Sua concepção de cura tem como base o restabelecimento do estado de saúde. Profundamente guiado pelo seu rigor científico, estabeleceu parâmetros a partir da observação da dinâmica miasmática, cujos sintomas nas várias esferas do indivíduo – mentais, emocionais, físicos – são guias da evolução do processo saúde-doença-cura.

A cura, para Hahnemann, é uma recuperação, a restauração do equilíbrio da força vital, o “retorno ao estado normal”⁶ (§253) representada pela volta ao estado de *Psora* latente, permitindo ao indivíduo exercer sua liberdade. Reforça, inclusive, a moderação em tudo – hábitos, trabalho, dieta, atividades. Não há, portanto, ênfase na cura como expansão da normatividade. Poderíamos pensar, sim, baseados no seu enfoque, na cura como restauração dessa normatividade, a cada “desorganização e organizações anormais da força vital” nas diferentes fases da vida⁴⁽⁷¹²⁾.

Quando o médico alemão utiliza o estado psíquico como critério para indicar que o paciente está no caminho da cura⁶ (§253-256), refere-se à sensação de “bem-estar”, de “ânimo”, de “tranquilidade”. Não são abordadas questões avaliativas sobre ampliação de horizontes ou mudanças valorativas. Acrescente-se que é possível fazer inferências sobre os significados e desdobramentos para o indivíduo quando conquistada a volta ao estado de *Psora* latente, onde a angústia, a ansiedade, os medos, as inseguranças, os sintomas dispépticos ou o prurido na pele não estão manifestos, indicando a trajetória de cura homeopática. Todavia, não se trata aqui de uma ênfase na mudança da atitude vital do sujeito que envolva um redimensionamento de olhares e perspectivas.

Devemos salientar que a obra de Hahnemann teve importantes revisores, como Allen, Ghatak, Hering e Kent. Como esclarece Rosenbaum¹⁹⁽⁷¹⁻⁸⁵⁾, a revisão de Kent (1849-1916), entre outras finalidades, procurou “devolver aos miasmas seu caráter profundo de origem ontológica da enfermidade”, fornecendo uma aplicabilidade prática para eles. Sua percepção era de que Hahnemann tinha o objetivo de “fazer evoluir a abordagem clínica para uma análise do ato humano”, onde “a vontade e o entendimento” são os antecessores da ação que leva ao adoecimento humano. Portanto, “é o ato humano que passa a representar o principal indicador fiel da enfermidade”, evidenciando a grande importância dos sintomas mentais tomam nesta abordagem.

No entanto, a visão que amplia os critérios de saúde na homeopatia em direção às dimensões qualitativas e quantitativas apontadas, foi desenvolvida posteriormente, a partir da década de 1970, através da “Escuela Médica Homeopática Argentina”, fundada por Tomás Paschero (1904-1986), da qual fizeram parte importantes nomes como Masi-Elizalde (1932-2003). Paschero²⁰⁽¹⁷⁸⁾ enfatiza uma leitura do ponto de vista psicológico, onde a cura pressupõe a existência de um equilíbrio instável entre a angústia existencial da latente ansiedade psórica devido às repressões dos

instintos e as gratificações obtidas no desenvolvimento da personalidade no meio social. Por considerar o “homem como um ser que se faz”, acentua o processo curativo como busca/conquista da sensação de plenitude e expansão do indivíduo. Importa, neste caso, que além dos resultados clínicos satisfatórios, o homem possa em sua vida libertar-se de padrões e hábitos que favoreçam à fixação patológica, onde os sonhos, os conteúdos da imaginação, as sensações são parâmetros de diagnóstico e acompanhamento de cada paciente. Masi-Elizalde, segundo Rosenbaum¹⁸, ao avaliar no indivíduo “suas vivências particularizadas dos conflitos existenciais” presentes na dinâmica miasmática, contribuiu significativamente na expansão do acompanhamento do processo saúde-doença-cura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos a saúde e o processo de cura enquanto “criação de valor” e de deslocamento de perspectivas, é possível ter na ampliação dos limites da normatividade vital promovido pelo tratamento homeopático que leva em conta a dinâmica miasmática, a conquista do “espírito que se torna livre” para alcançar os “seus altos fins da existência”⁶, resignificando de forma “alegre” e “vital” a vida de cada indivíduo em sua trajetória única e singular.

Dessa forma, o ideal de cura homeopático, que representa “a única missão do médico”⁶, pode se manifestar como expressão da vontade de potência, que busca cada vez mais, ampliando a vida do indivíduo na medida em que desenvolve de forma plena suas potencialidades, revolvendo e resolvendo conflitos e inibições da vitalidade, de modo a liberar a existência para reavaliações e novos olhares. O que significa, em última análise, a realização de uma “grande saúde”, que não busca a conservação e fixidez em padrões repetitivos e restritivos – trajetória da enfermidade –, e com a qual o homem vive de forma dinâmica, sem receios das perdas ou diminuições, pois sabe que fazem parte do jogo da vida, onde constantemente há perdas como também renovadoras conquistas, liberando “o espírito dotado de razão” para “novos mares e terras” a serem descobertos e vivenciados.

É importante ressaltar, não procuramos aqui comparar as trajetórias de vida ou os projetos pessoais destes pensadores. A pretensão maior foi levar ao diálogo seus pensamentos que tanto têm a dizer sobre a vida e processo saúde-doença-convalescência-cura do ser humano. Ambos se comprometeram com a afirmação da conquista de uma saúde na qual o sujeito comprometido com sua vida possa, nos dizeres de Hahnemann, alcançar os mais elevados objetivos de sua existência, ou nos de Nietzsche, alcançar uma saúde mais alegre, mais vital, a “grande saúde”.

A partir da intensidade dos pensamentos de Hahnemann e Nietzsche, entendemos não ser possível refletir sobre modelos de saúde, com suas propostas de abordagem diagnóstica e terapêutica, sem contemplar questões sobre a vida e seus processos ou sem analisar o significado dos pensamentos e sentimentos descritos como a trajetória miasmática ou como niilismo, estejam eles presentes na trajetória vital do paciente ou do médico. Destacamos, dessarte, a importância de os cursos de medicina e, particularmente, de especialização em homeopatia, abordarem o estudo sobre estas questões, com ênfase no papel importante da filosofia na abertura de perspectivas para o estabelecimento de diferentes interrogações no campo da Saúde Coletiva.

RESUMO

Este artigo tem como objeto os pensamentos vitalistas de Hahnemann e Nietzsche analisados a partir dos conceitos de vida, saúde, doença e cura. Buscou-se traçar correspondências e explicitar as diferenças dos pensamentos envolvidos, tendo como objetivo avaliar as hipóteses de os vitalismos desses autores serem semelhantes e se poderia ser possível afirmar que a busca da “grande saúde” equivaleria à meta do tratamento homeopático. Conclui-se pela semelhança dos vitalismos e pela ampliação do ideal de cura homeopático através da busca da “grande saúde”, pois contempla a liberdade de espírito ao mesmo tempo em que se compromete com a ampliação da normatividade vital do ser humano.

ABSTRACT

This article having as object the vitalist studies by Hahnemann and Nietzsche. It aimed analyzing the concepts life, health and disease in the thoughts of these authors, drawing connections and explaining the differences of thoughts involved. The study sought to assess the idea that Hahnemann's vitalism resembles Nietzsche's, and whether it is possible to say that the pursuit of “big health” would be the goal of homeopathic treatment to address the “freedom of spirit” in achieving the expansion of the vital normativeness.

REFERÊNCIAS

1. Priven SIW de. D & D: duplo dilema – du Bois-Reymond e Driesch, ou a vitalidade do vitalismo. 2008. 139f. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
2. Rosenbaum P. Homeopatia: medicina interativa, história da arte de cuidar. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
3. Nietzsche F. A gaia ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
4. Hahnemann S. Escritos Menores. São Paulo: Organon, 2006.
5. Herzlich C. Saúde e doença no início do século XXI: entre experiência privada e esfera pública. *Physis - Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 14(2), 2004, p. 383-394.
6. Hahnemann S. Organon da arte de curar. São Paulo: Robe, 1996.
7. Canguilhem G. O normal e o patológico. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
8. Nietzsche F. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
9. Nietzsche F. *Crepúsculo dos ídolos (ou como filosofar com o martelo)*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. Deleuze G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.
10. Deleuze G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.
11. Hahnemann S. *Doenças crônicas*. São Paulo: Aude Sapere, 1999.
12. Masi-Elizalde A. *Homeopatia: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Luz Menescal, 2004.

13. Martins A. Romantismo e tragicidade no Zaratustra de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 25, p. 115-143, 2009.
14. Brum JT. O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
15. Nietzsche F. Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro. São Paulo: WVC, 2001.
16. Frezzatti Jr WA. Haeckel e Nietzsche: aspectos da crítica ao mecanicismo no século XIX. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 435-461, 2003.
17. Diniz DS. O “espírito que se torna livre para alcançar “os altos fins da existência”: os vitalismos de Hahnemann e Nietzsche. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – UERJ/IMS, 2010. 209p.
18. Nietzsche F. *Digitale Kritische Gesamtausgabe* – Digital version of the German critical edition of the complete works of Nietzsche edited by Giorgio Colli and Mazzino Montinari. In: <http://www.nietzschesource.org>
19. Rosenbaum P. *Miasmas: saúde e enfermidade na prática clínica homeopática*. São Paulo: Roca, 1998.
20. Pascher TP. *Homeopatia*. 2. ed. Buenos Aires: El Ateneo, 1984.